

## RICARDO LÍSIAS ESCREVE-SE: LUTO E VINGANÇA

Pedro Armando de Almeida Magalhães (UERJ)<sup>1</sup>

**Resumo:** Partindo-se de questionamentos historiográficos como o de Hal Foster ou de reflexões sobre escritas de si desenvolvidas por Diana Klinger, procura-se analisar dois romances do escritor Ricardo Lísias: *O céu dos suicidas* (2012) e *O divórcio* (2013). Lísias encontra na escrita de si formas de expressar o luto face ao suicídio de amigo querido ou efetivar a vendeta diante da traição despudorada de sua mulher. O livro *O divórcio* tem grande repercussão não só pela vinculação íntima à realidade dos fatos, mas também por consubstanciar uma performance de autor: Lísias se escreve a partir do suposto diário da ex-esposa. *O céu dos suicidas* é uma narrativa que propõe nova camada de sentido à indignação pela perda de ente querido que se matou.

**Palavras-chave:** Escritas de si; Romance brasileiro; Performance

Ricardo Lísias vem ganhando notoriedade nos últimos anos, como um escritor brasileiro da “nova” geração, que compreende ainda Adriana Lisboa, Bernardo Carvalho, Daniel Galera, entre muitos outros. Já tem número significativo de obras publicadas, dentre as quais se destacam *O céu dos suicidas* (2012) e *Divórcio* (2013), objetos de nossa análise. Tentaremos aqui nos valer da mesma chave que deu notoriedade a Lísias em seu romance mais famoso, *Divórcio*. Ouso utilizar a escrita de si para tratar da escrita de si. Mas só posso fazê-lo porque tal escolha não é fortuita. Ela só é possível graças a um acontecimento real: meu encontro com o escritor, ocorrido em 2011.

### **Meu contato com o escritor: um capítulo à parte**

Em 2011 me encontrava em São Paulo, em período de Pós-doutorado na Universidade de São Paulo. Durante a VI Jornada de Literatura Alemã, no dia 16 de agosto, na mesma universidade, tive a oportunidade de conhecer Priscila Loyde Gomes Figueiredo, atualmente Professora de Literatura Brasileira da USP. Como eu, ela também fazia Pós-doutorado. Ela me impressionou com sua comunicação sobre Robert Walser. Entretanto, de uma maneira geral, a Jornada de Literatura Alemã rendia homenagem a Henrich von Kleist, alma torturada que de certo modo antecipou os horrores da Segunda Grande Guerra. Em todo caso, fiquei particularmente impactado com a ótima escolha verbal de Priscila, a alta qualidade de seu discurso oral. Naquela ocasião ela me convidou para lançamento de seu livro de poesias, intitulado *Mateus: poemas* (Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2011).

---

<sup>1</sup> Prof. Adjunto, Setor de Francês, Instituto de Letras. Doutor em Literatura Comparada (UERJ), Mestre em Letras Neolatinas (UFRJ). Contato: magalhaes.pedro67@outlook.com

E foi assim que conheci Ricardo Lísias, pois ele também foi convidado ao lançamento do livro de Priscila Figueiredo, ocorrido no dia 20 de agosto de 2011 na Livraria Haikai (Rua Armando Pentead, 44, Praça Vilaboim, São Paulo-SP)

Foi em tal ocasião que o escritor me confidenciou trechos de sua história pessoal, referentes a dois acontecimentos traumáticos recentes: a perda de um amigo querido e o divórcio poucos dias depois do casamento. Para se apresentar mencionou especificamente o romance *O livro dos mandarins* (2009), como um cartão de visitas, por assim dizer.

Nossa conversa foi bastante longa e, ao final, trocamos contatos e ele gentilmente me ofereceu um jornal recentemente criado chamado *Silva*, cujo número inaugural (n.1 – junho de 2011) contém conto de sua autoria, intitulado “Evo Morales”. Tal conto faria parte, como primeiro texto, de livro publicado em 2015, intitulado *Concentração e outros*. É bastante curioso que na orelha de tal coletânea de contos figura comentário elogioso de meu orientador de doutorado, Prof. João Cezar de Castro Rocha: “Lísias é o mais radical autor contemporâneo no que se refere a uma crítica corrosiva e certa contra a voga dominante da autoficção. Na sua escrita, pelo avesso, o eu deve ser entendido como inscrição textual, pura grafia, invenção de papéis.” (LÍSIAS, 2015) Mais uma coincidência.

### **O relato oral de Ricardo Lísias**

Ricardo Lísias me contou resumidamente que um amigo muito querido tinha se suicidado. A morte teria sido provocada por um quadro de depressão aguda. Lísias deu a entender que ainda se encontrava em luto. Além disso, disse que tencionava escrever um livro sobre a questão, um livro mais subjetivo.

Também relatou que havia se casado e se divorciado em curtíssimo espaço de tempo, cerca de 15 dias ao todo, se me lembro bem. E que o prêmio literário em dinheiro (Portugal Telecom) que havia ganho pelo romance *O livro dos mandarins* foi gasto nesses mesmos 15 dias, rapidamente, o que, no meu entender, denotava elevado grau de ansiedade e compulsão, aparentemente. Não ficou registrado em minha memória questões relativas a traição, que seria a causa do divórcio.

Ficou claro, ao final da conversa, que havia dois lutos que assombravam o escritor: o luto da perda do amigo querido e o luto do divórcio.

Estava em jogo a reflexão sobre uma possível mudança de foco literário. Passaria Ricardo Lísias ao campo das “escritas de si”? Lísias, diante de mim, perguntava-se se deveria redigir o livro sobre o suicídio que o atormentava. A questão do tom confessional era algo que gerava dúvida, pois *O livro dos mandarins* recebeu ótimas críticas. Trata-se

de um romance com personagem principal na terceira pessoa do singular, com narrador onisciente, um padrão clássico à primeira vista.

### **As escritas de si e a virada etnográfica**

Os estudos referentes às escritas de si fomentam um questionamento de ordem epistemológica quando se trata de pensar a história ou a memória. Isto porque as narrativas em questão sublinham a parte do real em todo relato subjetivo que se entende como autoficção, ao mesmo tempo que reafirmam a presença de substratos parciais, fantasiosos, instáveis e fictícios no percurso existencial. Assiste-se a uma virada etnográfica a partir da desconstrução da pesquisa antropológica tradicional que taxa de primitivos os povos aborígenes, indígenas, pesquisados. Virada etnográfica não só ao revelar-se a presença das vozes e perspectivas dos outros anteriormente excluídos, como também ao colocar a própria subjetividade em questão, apontando assim para o trabalho da vertente social da antropologia.

Seguindo um entendimento que rejeita uma cronologia linear ou uma relação de causalidade fixa, tal como é sustentado por pensadores da disciplina história como Siegfried Kracauer (*History. The last things before the past*, 1969) ou Hal Foster (*The return of the real: the avant-garde at the end of the century*, 1996), Diana Klinger em *Escritas de si e escritas do outro* (2012) afirma:

O sujeito que “retorna” nessa nova prática de escritura em primeira pessoa, não é mais aquele que sustenta a autobiografia: a linearidade da trajetória da vida estoura em benefício de uma rede de possíveis ficcionais. Não se trata de afirmar que o sujeito é uma ficção ou um *efeito de linguagem*, como sugere Barthes, mas que a ficção abre um espaço de exploração que excede o sujeito biográfico. Na autoficção, pouco interessa a relação do relato com uma “verdade” prévia a ele, que o texto viria a saciar, pois como aponta Christopher Lasch, “o autor fala com sua própria voz mas avisa ao leitor que não deve confiar em sua versão da verdade” (Lasch, 1983, p. 42). Autoficção como “envio”, remissão sem origem, sem substrato transcendente.

Confundindo as noções de verdade e ilusão, o autor desafia a capacidade do leitor de “cessar de descrever”. Assim, o que interessa na autoficção não é a relação do texto com a vida do autor, e sim a do texto como forma de criação de um mito, o mito do escritor. (KLINGER, 2012, p.45)

Klinger afirma a seguir:

A autoficção participa da criação do *mito* do escritor, uma figura que se situa no interstício *entre* a « mentira » e a « confissão ». A noção do relato como criação da subjetividade, a partir de uma manifesta ambivalência a respeito de uma verdade prévia ao texto, permite pensar [...] a autoficção como uma *performance* do autor. (KLINGER, 2012, p.46)

Com efeito, tal ponto de vista corresponderia a um traço expressivo da contemporaneidade, marcada por novas linguagens, novas tecnologias da informação e comunicação, novas formas de interagir (Facebook, Instagram, Twitter, WhatsApp, etc.), onde a performance do sujeito (BUTLER, 1990) e a espetacularização da vida privada (DEBORD, 1967) têm lugar de destaque.

### ***O livro dos mandarins (2009)***

A questão que se impõe é: Como Lísias constrói o seu mito pessoal através da autoficção? Para situarmos melhor a questão, é interessante refletir sobre romance anterior, que recebeu boas críticas: *O livro dos mandarins*.

Romance na terceira pessoa, *O livro dos mandarins* tem estruturação que evoca, em certa medida, *Angústia* (1936) de Graciliano Ramos. Todavia, diferentemente de *Angústia*, a narrativa repetitiva de Lísias não revela especialmente as inquietações e aflições do protagonista, mas representa o círculo vicioso e perverso em que o narrador convida o leitor a se enredar, apontando a distância entre as aparências enganosas e os acontecimentos efetivos. A sensação de incômodo provocada pelas repetições das alcunhas cíclicas, muitas vezes pejorativas (exs: “o branquelo”, “Belé porra nenhuma”, “aquele bundão”, etc.), dificultariam a possibilidade de identificação ou empatia entre o protagonista e o leitor. Promove-se um desconforto crescente diante da falta de escrúpulos, oportunismo e taras do personagem. Assim, se em *Angústia* passamos a compartilhar de certa forma as impressões do protagonista, em *O livro dos mandarins* o mundo empresarial nos apresenta um mecanismo sórdido de processamento do executivo arrivista: individualista, pouco preocupado com os outros, capaz das piores baixezas para subir os degraus da hierarquia. Os outros, em *O livro dos mandarins*, são aqueles a serem esmagados. A lógica é a da competitividade destrutiva – a concorrência não dá espaço para um pensamento social, compassivo.

O nome do protagonista e dos personagens se aproximam e mudam continuamente indicando a natureza intercambiável das experiências existenciais no mundo contemporâneo neoliberal. Perversidade, jogos de poder, arrivismo, apagamento de subjetividades no universo corporativo, empreendedor. A acidez que emana do *livro dos*

*mandarins* se opõe diametralmente à compaixão da obra seguinte, *O céu dos suicidas*, ou à explosão sentimental do *Divórcio*. Mudança radical de enfoque do autor?

### ***O céu dos suicidas* (2012) e *Divórcio* (2013)**

*O céu dos suicidas* tem como epígrafe justamente trecho do poema “O douto Mateus”, do livro de Priscila Figueiredo já citado anteriormente: “Depois de tudo/quem se lembrará de deus?/Isso é bonito, Mateus” (FIGUEIREDO, 2011, p. 55). O livro de poemas de Priscila Figueiredo e por extensão, a tarde de autógrafos ocorrida no dia 20 de agosto de 2011, que contextualizou minha conversa com Lísias, se encontram desta forma inscritos de forma explícita no romance.

Nossa hipótese se formularia assim: o tabu religioso do suicídio (*O céu dos suicidas*) e o tabu religioso da vingança (*Divórcio*) são infringidos através da narrativa autoficcional. Publicizar o que é apresentado como privado é a grande transgressão libertadora para o autor-narrador-protagonista. A catarse é o objetivo teatral performático. O romance seria o próprio ato teatral, o “totem catártico”.

Nos dois casos, o livro, como objeto, é instrumentalizado como meio de vivenciar a experiência da perda, de forma « positiva » (luto sob a forma de homenagem) e « negativa » (luto sob a forma de vingança). Os dois romances podem ser vistos como espetáculos midiáticos personalizados que podem configurar paradigmas gerais. Ou dito de outra maneira: as narrativas podem ser desvinculadas dos seres reais para os quais se direcionam o luto-homenagem (amigo de Lísias: André) e o luto-vingança (ex-mulher de Lísias), podendo produzir o efeito catártico geral do drama grego. Ricardo Lisias consegue maior projeção pessoal através da autoficção. Espetacularizando seus lutos pessoais associados a tabus religiosos, ele revela o ser fragmentado e incompleto da contemporaneidade que se vê representado no exercício da compaixão ou no desejo de vendeta. Em *Divórcio* Lísias se escreve a partir do suposto diário da ex-esposa, não necessariamente sendo fiel (a mulher também não foi fiel). Ou seja, escrita em segundo grau. Paradoxalmente enterramento ou recobrimento de diário alheio através de diário próprio revelador. *Divórcio* ilumina o romance do luto-homenagem, já que a perda do amigo é reivindicada não como acinte religioso, espiritual, mas como compaixão pelo desespero individual em tempos depressivos e sombrios. *O céu dos suicidas* é narrativa que propõe nova camada de sentido à indignação pela perda do ente querido que se matou: ao invés do silêncio, horror e repúdio face ao suicídio, a voz do luto amoroso, fraterno e nostálgico pelo ente que se perdeu.

E não por acaso *O céu dos suicidas* invade o espaço do *Divórcio*, literalmente. Há uma continuidade, uma linha de comunicação. O narrador do *Divórcio* pretende ser o mesmo de *O céu de suicidas*:

Fechei os olhos e senti cada parte do meu corpo. A cidade barulhenta não me importa mais. É a lembrança mais recente que tenho: aconteceu ontem, o que significa que continuo melhorando. *Divórcio* ajudou muito, mas não me trouxe todas as respostas.

Não foi assim com *O céu dos suicidas*. Aliás, ontem no parque me lembrei de uma coisa: justamente quando fui até as margens do rio da Prata, em uma estrada pouco movimentada de Buenos Aires e, impressionado com o volume da água, percebi que estava vestindo uma camiseta que o meu amigo André tinha me dado anos antes.

Nesse momento, a imagem que congelei na memória é a da roupa desaparecendo na água, já ao longe se confundindo com o brilho intenso do sol. Não chorei. Ao contrário, voltei para o hotel e, depois de três horas caminhando com o dorso nu, sentia-me tranquilo. Se tivesse sido uma comunhão, talvez eu me emocionasse. Mas foi uma homenagem. (LÍSIAS, 2013, p.203-204)

### **À guisa de conclusão**

*Eu me pergunto se eu não contribui de alguma maneira para a feitura desses dois romances naquela tarde do dia 20 de agosto de 2011, há quase exatos 6 anos. Talvez ao me propor a escutar Lísias, eu tenha desencadeado um processo de exorcismo de traumas através da literatura. Ou talvez não, eu represente somente mais um interlocutor do acaso, para quem ele dirigiu partes de seus desabaços existenciais. Fico de qualquer forma feliz que a poesia de **O céu dos suicidas** tenha desabrochado, e que o desejo de vendeta de um amigo meu tenha encontrado consolo na voz compreensiva do **Divórcio** de Ricardo Lísias.*

### **Referências bibliográficas**

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DEBORD, Guy. *La société du spectacle*. Paris : Gallimard, 1992.

FIGUEIREDO, Priscila. *Mateus (poemas)*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2011.

FOSTER, Hal. *O retorno do real: a vanguarda no final do século XX*. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

KRACAUER, Siegfried. *L'histoire des avant-dernières choses*. Trad. Claude Orsoni. Paris : Éditions Stock, 2006.

LÍSIAS, Ricardo. *Concentração e outros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

LÍSIAS, Ricardo. *Divórcio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

LÍSIAS, Ricardo. *O céu dos suicidas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

LÍSIAS, Ricardo. *O livro dos mandarins*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.